

ASSIM QUE PASSEM CINCO ANOS

LENDA DO TEMPO EM TRÊS ATOS E CINCO QUADROS
(1931)

De **FEDERICO GARCÍA LORCA**
(05/06/1898 ~ 19/08/1936)

PERSONAGENS:

**O JOVEM
O VELHO
A DATILÓGRAFA
O AMIGO
O GATO
O CRIADO
SEGUNDO AMIGO
A NOIVA
O JOGADOR DE RÚGBI
A CRIADA
O PAI
O MANEQUIM
O ARLEQUIM
O ECO
A MOÇA
O PALHAÇO
A MÁSCARA
A CRIADA
PRIMEIRO JOGADOR
SEGUNDO JOGADOR
TERCEIRO JOGADOR**

PRIMEIRO ATO

Biblioteca. O Jovem está sentado. Veste um pijama azul. O Velho, de fraque cinzento, barba branca e enormes óculos de ouro, também sentado.

JOVEM - Não lhe causa surpresa.

VELHO - Perdão

JOVEM - Sempre se deu comigo o mesmo.

VELHO (*Inquisitivo e amável*). - Deveras?

JOVEM - Sim.

VELHO - É que...

JOVEM - Lembro-me de que...

VELHO (*Ri*) - Sempre me lembro.

JOVEM - Eu...

VELHO (*Ofegante*) - Continue...

JOVEM - De que guardava os doces para comê-los depois.

VELHO - Depois? Deveras? Ficam mais gostosos. Eu também...

JOVEM - Eu tenho a recordação de que um dia...

VELHO (*Interrompendo com veemência*) - Gosto tanto da palavra recordação. É uma palavra verde, suculenta. Mana sem cessar fiozinhos de água fria.

JOVEM (*Alegre e tratando de convencer-se*) - Sim, sim, claro. O senhor tem razão. É preciso lutar contra toda idéia de ruína; contra esses descascamentos de paredes. Muitas vezes levantei-me à meia noite para arrancar as ervas do jardim. Não quero ervas em minha casa nem móveis quebrados.

VELHO - Isso. Nem móveis quebrados porque há que recordar, mas...

JOVEM - Mas as coisas vivas com seu sangue a arder, com todos os seus perfis intactos.

VELHO - Muito bem. Quer dizer (*Baixando a voz*) que há que recordar, mas recordar antes.

JOVEM - Antes?

VELHO (*Em tom sigiloso*) - Sim, há que recordar para amanhã.

JOVEM (*Absorto*) - Para amanhã.

(Um relógio soa seis horas. A Datilógrafa cruza a cena, chorando em silêncio.)

VELHO - Seis Horas.

JOVEM - Sim. Seis horas e com calor demais. (*Levanta-se*) Há um famoso céu de tempestade. Cheio de nuvens cinzentas...

VELHO - De maneira que você?... Fui grande amigo dessa família. Especialmente do pai. Ocupa-se com astronomia. Está bem. De astronomia, não? E ela?

JOVEM - Conheci-a pouco. Mas não importa. Creio que gosta de mim.

VELHO - Decerto!

JOVEM - Partiram para uma longa viagem. Quase em alegrei...

VELHO - O pai dela veio?

JOVEM - Nunca! Por ora não pode ser. Por causas inexplicáveis. Até que se passem cinco anos.

VELHO - Muito bem! (*Com alegria*)

JOVEM (*Sério*) - Por que diz muito bem?

VELHO - Pois porque... É bonito isso? (*Mostrando o aposento*).

JOVEM - Não.

VELHO - Não o angustia a hora da partida, os acontecimentos, o que há de chegar agora mesmo...?

JOVEM - Sim, sim. Não me fale disso.

VELHO - Que se passa na rua?

JOVEM - Barulho, barulho sempre, calor, mau cheiro. Desagrada-me que as coisas da rua entrem em minha casa (*Ouve-se um longo gemido. Pausa*). João, fecha a janela

(*Um Criado ligeiro, que anda na ponta dos pés fecha a janela*).

VELHO - Ela é muito novinha?

JOVEM - Muito novinha. Quinze anos.

VELHO - Quinze anos que ela viveu e que são ela mesma. Mas por que não dizer que tem quinze neves, quinze ares, quinze crepúsculos? Não se atreve você a fugir, a voar, a dilatar seu amor pelo céu inteiro?

JOVEM (*Cobre o rosto com as mãos*) - Quero-lhe bem demais!

VELHO (*De pé e com energia*) - Ou então dizer: tem quinze anos, quinze grãosinhos de areia. Não se atreve você a concentrar, a tornar fervente e pequenino seu amor dentro do peito?

JOVEM - O senhor quer afastar-me dela. Mas eu conheço seu processo. Basta observar na palma da mão um inseto vivo ou olhar o mar uma tarde pondo atenção na forma de cada onda para que o rosto ou chaga que trazemos no peito se disfaça em borbulhas. Mas é que estou enamorado, e quero estar enamorado, tão enamorado quanto ela está de mim e por isso posso esperar cinco anos, na esperança de poder amarrar de noite, com o mundo todo às escuras, suas tranças de luz em redor de meu pescoço.

VELHO - Permito-me recordar-lhe que sua noiva... Não tem tranças.

JOVEM (*Irritado*) - Já sei. Cortou-as sem licença, naturalmente e isto (*Com angústia*) muda para mim sua imagem (*Energético*). Já sei que tem tranças (*Quase furioso*). Por que me lembrou isso? (*Com tristeza*) Mas nos próximos cinco anos voltará a tê-las.

VELHO (*Entusiasmado*) - E mais bonitas do que nunca. Serão umas tranças...

JOVEM - São, são (*Com alegria*).

VELHO - São umas tranças cujo perfume se pode viver sem necessidade de pão nem água.

JOVEM - Penso tanto!...

VELHO - Sonha tanto!

JOVEM - Como?

VELHO - Pensa tanto que...

JOVEM - Que estou em carne viva. Tudo para dentro. Uma queimadura.

VELHO (*Entregando-lhe um copo*) - Beba.

JOVEM - Obrigado. Se me ponho a pensar na mocinha, na minha menina...

VELHO - Diga: minha noiva. Atreva-se!

JOVEM - Não.

VELHO - Mas por quê?

JOVEM - Noiva... O senhor já sabe; se digo noiva, vejo-a sem querer amortalhada em um céu preso por enormes tranças de neve. Não, não é minha noiva (*Faz um gesto como se afastasse a imagem que quer apossar-se dele*). É minha menina, minha mocinha.

VELHO - Continue, continue.

JOVEM - Pois se me ponho a pensar nela, desenho-a, faço-a mover-se branca e viva; mas logo, quem lhe muda o nariz ou parte-lhe os dentes ou a transforma em outra cheia de andrajos que anda pelo meu pensamento como se estivesse mirando-se em um espelho de feira?

VELHO - Quem? Parece mentira que você diga quem, Mudam-se ainda mais as coisas que temos diante dos olhos do que as que vivem sem distância sob as nossas visitas. A água que vem pelo rio é completamente diferente da que se vai. E quem se lembra que um mapa exato das areias do deserto... ou do rosto de um amigo qualquer?

JOVEM - Sim, sim. Ainda está mais vivo o que há aqui dentro, embora também mude. Na última vez que a vi não podia olhá-la de muito perto porque tinha duas ruguinhas na testa que, como me descuidasse entende o senhor? Lhe enchiam todo o rosto e a punham desfigurada, velha, como se tivesse sofrido muito. Tinha necessidade de afastar-me dela para focalizá-la, a palavra é esta, em meu coração.

VELHO - Com o que então naquele momento em que a viu velha estava ela completamente entregue a você?

JOVEM - Sim.

VELHO (*Exaltado*) - Com que então se naquele preciso instante ela confessa que o enganou, que não o ama, que não lhe quer ver, as ruguinhas transformaram-se nela na rosa mais delicada do mundo?

JOVEM (*Exaltado*) - Sim.

VELHO - E tê-la-ia amado mais, precisamente por isso?

JOVEM (*Exaltado*) - Sim, sim.

VELHO - Então? Ah! Ah!

JOVEM - Então é muito difícil viver?

VELHO - Por isso é preciso voar de uma coisa para outra até perder-se. Se ela tem quinze anos, pode ter quinze crepúsculos ou quinze céus. Estão as coisas mais vivas aí dentro do que aqui fora, expostas ao ar ou à morte. Por isso vamos... ou não vamos... ou esperar. Porque o diferente é morrer agora mesmo e é mais belo pensar que veremos amanhã ainda os cem cornos de outro com que o sol levanta as nuvens.

JOVEM (*Estendendo-lhe a mão*) - Obrigado! Obrigado! Por tudo.

VELHO - Voltarei aqui.

(*Aparece a Datilógrafa*)

JOVEM - Acabou de escrever as cartas?

DATILÓGRAFA (*chorosa*) - Sim, senhor.

VELHO (*Ao Jovem*) - Que lhe está acontecendo?

DATILÓGRAFA - Desejo sair desta casa.

VELHO - Pois é bem fácil, não?

JOVEM (*Perturbado*) - O senhor verá.

DATILÓGRAFA - Quero sair e não posso.

JOVEM (*Com doçura*) - Não sou eu quem a retém. Já sabe que não posso fazer nada. Disse-lhe muitas vezes que esperasse, mas você...

DATILÓGRAFA - Mas eu não espero; que é isso de esperar?

VELHO - E por que não? Esperar é crer e viver.

DATILÓGRAFA - Não espero porque não me dá vontade, porque não quero e, não obstante, não posso sair daqui.

JOVEM - Sempre acaba não dando razões.

DATILÓGRAFA - Que razões vou dar? Não há mais do que uma razão e essa é... que o amo. Não se assuste, senhor! A de sempre. Quando pequenino (*Ao Velho*), eu o via brincar lá de minha varanda. Um dia caiu e o joelho começou a sangrar. Lembra-se? (*Ao Jovem*). Ainda tenho aquele sangue vivo como uma serpente vermelha, tremendo entre meus peitos.

VELHO - Isto não está bem. O sangue seca e o que passou, passou.

DATILÓGRAFA - Que culpa tenho eu, senhor? (*Ao Jovem*). Rogo-lhe que faça minhas contas. Quero sair desta casa.

JOVEM - Muito bem. Nem eu tampouco tenho culpa alguma. Além disso, sabe você perfeitamente que não me pertence. Pode ir.

DATILÓGRAFA (*Ao Velho*) - Ouviu o que ele disse? Põe-me para fora de sua casa. Não quer ter-me aqui (Chora. Sai).

VELHO (*Sigiloso ao JOVEM*) - É perigosa essa mulher.

JOVEM - Quisera querer-lhe como quisera ter sede diante das fontes. Quisera...

VELHO - De nenhuma maneira. Que faria você amanhã? Idem? Pense. Amanhã!

AMIGO (*Entrando com escândalo*) - Quanto silêncio nesta casa e para quê? Dá-me água com anis e gelo (*O VELHO sai*). Ou um coquetel.

JOVEM - Suponho que não me quebrarás os móveis.

AMIGO - Homem só, homem sério e com este calor!

JOVEM - Não podes sentar-te?

AMIGO (*Abraça-o e dá voltas*) - Tin, tin, tão
A chamazinha de São João

JOVEM - Deixa-me. Não tenho vontade de brincadeiras.

AMIGO - Huuí? Quem era aquele velho? Um amigo teu? E onde estão nesta casa os retratos das moças com quem vais para a cama? Olha. (Aproxima-se) Vou pegar-te pelas lapelas e pintar de vermelho essas bochechas cor de cera...ou assim esfregá-las.

JOVEM (*Irritado*) - Deixa-me!

AMIGO - E com uma bengala vou lançar-te à rua.

JOVEM - E o que vou fazer nela? Teu gosto, não é verdade? Tenho trabalho demais com ouvi-la cheia de carros e de gente desorientada.

AMIGO (*Sentando-se e estirando-se no sofá*) - Ai! Ui! Eu, em troca... Fiz ontem três conquistas e como anteontem fiz duas e hoje uma, resulta...pois...que fico sem nenhuma porque não tenho tempo. Estive com uma garota...Ernestina. Queres conhecê-la?

JOVEM - Não.

AMIGO (*Levantando-se*) - Naão e jamegão! Mas se a visses! Tem uma cintura!... Não, embora cintura a tenha muito melhor a Matilde (*com ímpeto*). Ai, meu Deus! (*Dá um salto e cai estendido no sofá*). Olha, é uma cintura para a medida de todos os braços e tão, frágil, que a gente deseja ter na mão um machado de prata para seccioná-la.

JOVEM (*Distraído e alheio à conversa*) - Então subirei a escada.

AMIGO (*De boca para baixo no sofá*) - Não tenho tempo, não tenho tempo de nada, tudo para mim se atropela. Porque, imagina. Marco encontro com Ernestina. As tranças aqui, apertadas, negríssimas, e depois... (*O jovem golpeia com impaciência os dedos sobre a mesa.*)

JOVEM - Não me deixas pensar!

AMIGO - Mas se não há que pensar! Vou-me embora. Por mais...que...(Olha o relógio). Já passou a hora. É horrível, sempre ocorre o mesmo. Não tenho tempo e eisto me aborrece. Ia com uma mulher feíssima, mas admirável. Uma morena dessas que fazem falta num meio dia de verão. E me agrada, (*Atira uma almofada para o ar*) porque parece um domador.

JOVEM - Basta!

AMIGO - Sim, homem, não te zangues, mas uma mulher pode ser feíssima e um domador de cavalos pode ser bonito. E ao contrário e... que sabemos? (*Enche um copo de coquetel*).

JOVEM - Nada.

AMIGO - Mas queres dizer-me o que está acontecendo?

JOVEM - Nada. Não conheces meu temperamento?

AMIGO - Não o entendo. Mas tampouco posso estar sério. (*Ri*). Vou saudar-te com os chineses (*Esfrega o nariz no do JOVEM*).

JOVEM (*Sorrindo*) – Para com isso.

AMIGO - Ri (*Faz-lhe cócegas*).

JOVEM (*Rindo*) -Bárbaro.

AMIGO - Uma gravata.

JOVEM - Posso contigo.

AMIGO - Agarrei-te (*Prende-lhe a cabeça entre as pernas e golpeia-o*).

VELHO (*Entrando, gravemente*) - Com licença...(Os jovens ficam de pé.) Perdoem...(Energeticamente e olhando o JOVEM). Esquecer-me ei do chapéu.

AMIGO - Como?

VELHO (*Furioso*) - Sim, senhor. Esquecer-me-ei do chapéu (*entre dentes*). Isto é, esqueci-me do chapéu.

AMIGO - Ah! ah! ah! ah! (*Ouve-se barulho de vidraças*)

JOVEM (*Em voz alta*) - João. Fecha as janelas.

AMIGO - Um pouco de tempestade. Queira Deus seja forte!

JOVEM - Mas não quero ouvi-la (*Em voz alta*). Tudo bem fechado.

AMIGO - São trovões; terás de ouvi-los.

JOVEM - Oh! Não!

AMIGO - Oh! Sim!

JOVEM - Não me importa o que se passa lá fora. Esta casa é minha. E aqui não entra ninguém.

VELHO (*Indignado, ao AMIGO*) - É uma verdade sem refutação possível! (*Ouve-se um trovão distante*.)

AMIGO - Entrará todo mundo que queira, não aqui, mas embaixo de tua cama. (*Trovão mais próximo*.)

JOVEM (*Gritando*) - Mas agora, agora, não!

VELHO - Bravos!

AMIGO - Abre a janela. Estou com calor.

VELHO - Abrir-se-á já!

JOVEM - Depois!

AMIGO - Mas vamos ver. Querem-me vocês dizer...

(Ouve-se outro trovão. A luz esmorece e uma luminosidade azulada de tempestade invade a cena. Os três personagens ocultam-se por trás de um biombo negro bordado de estrelas. Pela porta da esquerda aparece o MENINO morto com o GATO. O MENINO vem vestido de branco, de primeira comunhão, com uma capela de rosas brancas na cabeça. Em seu rosto, pintado de cera, ressaltam seus olhos e seus lábios de lírio seco. Traz na mão um círio encrepado e um grande laço com flores de curo. O GATO é azul com duas enormes manchas cor de sangue no peito branco e cinzento e na cabeça. Avançam para o público. O MENINO traz o GATO preso por uma pata.)

GATO - Miau.

MENINO - Psiu...

GATO - Miau.

MENINO - Toma meu lenço branco.
Toma-me a coroa branca.
Não chores mais.

GATO - Doem me as feridas
Que os meninos me fizeram-me nas costas.

MENINO - Também me dói o coração.

GATO - Por que te dói, menino?

MENINO - Porque não anda.
Ontem parou bem devagar,
Rouxinol de minha cama.
Muito barulho; se visses...Puseram-me
Com estas rosas diante da janela.

GATO - E que ouvias tu?

MENINO - Pois ouvia
Repuxos e abelhas pela sala.
Atuaram-me as duas mãos. Muito mal feito!
Os meninos pelas vidraças me olhavam.
E um homem com martelo ia cravando
Estrelas de papel em meu caixão (*Cruzando as mãos.*)
Os anjos não vieram. Não, Gato.

GATO - Não me chame mais gato.

MENINO - Não?

GATO - Sou gata.

MENINO - És gata?

GATO (*Mimoso*) - Devias ter conhecido.

MENINO - Por quê?

GATO - Pela minha voz de prata.

MENINO (*Galante*) - Não te queres sentar?

GATO - Sim, tenho fome.

MENINO - Vou ver se encontro uma rata para ti. (*Põe-se a olhar por baixo das cadeiras. O GATO, sentado em um tamborete, treme.*)

MENINO - Não a comas inteira. Uma patinha,
Porque estás muito doente.

GATO - Dez pedradas me atiraram os meninos.

MENINO - Pesam como as rosas que me prenderam à noite na garganta.
Queres uma? (*Arranca uma rosa da cabeça.*)

GATO (*Alegre*) - Sim, quero.

MENINO - Com tuas manchas de cera, rosa branca, pareces-me olho de lua partida, gazela entre vidros,
desmaiada. (*Põe-na na cabeça*)

GATO - Que fazias?

MENINO - Brincar, e tu?

GATO - Brincar!

Ia pelo telhado, gata chata, narinazinhas de lata, pela manhã ia colher os peixes n'água e ao meio-dia sob o
rosal do muro adormecia.

MENINO - E à noite?

GATA (*Enfática*) - Saía só.

MENINO - Sem ninguém.

GATA - Pelo bosque.

MENINO (*Com alegria*) - Eu também ia, ai, gata chata, barata, narinazinhas de lata, comer sarçamouras e
maças e depois à igreja com meninos brincar de cabra.

GATA - Que é brincar de cabra?

MENINO - Era mamar nos cravos da porta.

GATA - E eram bons?

MENINO - Não, gata! Era como chupar moedas. (*Trovão distante*)

Ai! Espera! Será que vem? Tenho medo, sabes? Fugi de casa. (*Chora*)

Eu não quero que me enterrem.

Galões e vidros enfeitam meu caixão; mas é melhor que eu durma entre os juncos d'água. Não quero que me
enterrem. Vamos logo! (*Pega-lhe a pata*)

GATA - E nos vão enterrar? Quando?

MENINO - Amanhã nuns buracos escuros, todos choram. Todos calam. Mas se vão. Eu o vi.
E depois. Sabes?

GATA - Que acontece?

MENINO - Vêm comer-nos.

GATA - Quem?

MENINO - O lagarto e a lagarta, com seus filhinhos pequenos, que são muitos.

GATA - E o que nos comem?

MENINO - A cara com os dedos, (*Baixando a voz*) e a minhoca.

GATA (*Ofendida*) - Eu não tenho minhoca.

MENINO (*Enérgico*) - Gata!

Comer-te-ão as patinhas e o bigode (*Trovões muito distantes*)

Vamos-nos: de casa em casa chegaremos onde pastam os cavalinhos da água.

Não é o céu. É a terra dura com muitos grilos que cantam, com ervas que se meneiam, com nuvens que se levantam, com fundas que lançam pedras e o vento como uma espada.

Eu quero ser menino. Um menino! (*Dirige-se para a porta à direita*)

GATA - A porta está fechada.

Vamos pela escada.

MENINO - Pela escada nos verão.

GATA - Espera.

MENINO - Já vem para enterrar-nos!

GATA - Vamos pela janela.

MENINO - Nunca veremos a luz, nem as nuvens que se elevam, nem os grilos dentre a relva, nem o vento como uma espada. (*Cruzando as mãos*)

Ai girassol! Ai girassol de fogo! Ai girassol!

GATA - Ai cravina do sol!

MENINO - Apagado vai pelo céu.

Só mares e montes de carvão e uma pomba morta na areia com asas cortadas e flor no bico. (*Cantam*) E na flor uma oliva e na oliva um limão...

Como se segue?... Não sei. Qual o resto?

GATA - Ai, girassol! Ai, girassol de manhazinha!

MENINO - Ai! Cravina do sol! (*A luz é tênue. O Menino e a Gata, agarrados andam às tontas*)

GATA - Não há luz. Onde estás?

MENINO - Cala-te.

GATA - Já estão vindo os lagartos, menino?

MENINO - Não.

GATA - Encontraste saída? (*A Gata aproxima-se da porta da direita; sai uma mão que a puxa para dentro*)

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

